



**Denzel Valiente**

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA AMÉRICA LATINA NA MÍDIA  
ALTERNATIVA BRASILEIRA: O PODCAST PULSO LATINO COMO  
PRODUÇÃO ESPECIALIZADA**

Santa Maria, RS

2021

**Denzel Valiente**

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA AMÉRICA LATINA NA MÍDIA  
ALTERNATIVA BRASILEIRA: O PODCAST PULSO LATINO COMO PRODUÇÃO  
ESPECIALIZADA**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Jornalismo, Área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana (UFN), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Jornalismo**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neli Fabiane Mombelli

Santa Maria, RS  
2021

**Denzel Valiente**

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA AMÉRICA LATINA NA MÍDIA  
ALTERNATIVA BRASILEIRA: O PODCAST PULSO LATINO COMO PRODUÇÃO  
ESPECIALIZADA**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao  
Curso de Jornalismo, Área de Ciências Sociais, da  
Universidade Franciscana (UFN), como requisito  
parcial para obtenção do grau de **Bacharel em  
Jornalismo**.

**Aprovado em \_\_ de Dezembro de 2021:**

---

**Neli Fabiane Mombelli, Dra. (UFN)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Carla Doyle Torres, Dra. (UFSM)**

---

**Laura Strelow Storch, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2021

*Para minha avó Eloiza que creio, de algum lugar, estar sempre a torcer por mim. Para meus pais Anderson e Elisangela pela confiança e apoio que sempre me proporcionaram. Para aqueles e aquelas que lutam e lutaram pelo bem do povo, da fauna e da flora da América Latina.*

## **Agradecimentos**

Escrever um agradecimento não é uma tarefa fácil. O trabalho a seguir só foi possível de ser realizado graças ao apoio e incentivo de muitas pessoas que estiveram presentes em distintos momentos da minha vida. Muito mais do que um trabalho final de graduação, esta pesquisa representa para mim o fechamento de um ciclo. Uma caminhada que comecei há uns bons anos e, na qual, as peças fundamentais foram meus pais. Por isso, nada mais justo do que começar este texto agradecendo a eles, Anderson e Elisângela, por terem desde antes mesmo do meu nascimento contribuído intensamente para que eu, hoje, tenha todas as condições de realizar este trabalho, assim como tudo que até hoje fiz. Meus pais, obrigado por terem me apoiado e pelo amor que nutrem por mim, saibam que sou imensamente feliz por ter vocês. Esta realização não é apenas minha, é nossa.

Para que eu tenha chegado até aqui outras pessoas também foram fundamentais. Por isso agradeço a minha família e em especial ao meu irmão Thiago, aos meus avós, tios e tias que sempre torceram, me ajudaram e comemoraram comigo em todos os momentos que precisei. E falando em família, entendo que muito mais do que laços de sangue, família é afeto e apoio mútuo. Por isso, não poderia deixar de agradecer aqui aos amigos e amigas que fiz ao longo dos anos. Vocês que me deram inúmeros momentos de alegria, mas que principalmente me apoiaram, me ouviram e me aconselharam nos momentos difíceis que não foram poucos, especialmente nos últimos anos.

O meu muito obrigado também não poderia deixar de ser para a Laura, para a Emanuely e para a Lavigneia. Pessoas especiais que tive a sorte de conhecer em 2018 no início da graduação e a honra de acompanhar durante estes quatro anos. Meninas, vocês foram fundamentais durante este ciclo e, muito mais do que colegas, são amigas que eu levarei comigo independentemente do tempo e da distância.

Durante os oito semestres do curso, o aprendizado que tive foi essencial. Hoje sei que saio uma pessoa muito melhor do que entrei. Não apenas no âmbito acadêmico e profissional, mas também com um sentimento muito mais humanista, atento às questões e lutas sociais, com a consciência de quem sou, de onde estou e de qual o meu lugar no mundo. Isso e muito mais devo ao curso de Jornalismo e aos professores por tudo que me proporcionaram dentro e fora de aula. Cito aqui, em especial, as professoras Laura Fabrício, Carla Torres e Neli Mombelli pelo que me ensinaram e pela atenção e amizade que sempre tiveram comigo. Foi no laboratório de fotografia, com os ensinamentos da Laura, que tive meus primeiros contatos com o mundo do jornalismo fora do âmbito disciplinar. Professora, você foi fundamental na minha formação. Assim como com a Carla, com quem tive aulas maravilhosas, muitos bons momentos e o

amparo necessário para o início desta pesquisa. Por último, agradeço profundamente a Neli por sempre nos instigar a realizar trabalhos complexos e diferentes e por ter aceito participar deste trabalho me orientando, me apoiando e compartilhando do mesmo gosto e amor pela América Latina e pelos latino-americanos e latino-americanas. Hoje sei que ainda tenho muito o que aprender, por isso seguimos em frente. Enfim, obrigado a todos vocês!

*“Nosso norte é o Sul. Não deve haver norte,  
para nós, senão por oposição ao nosso Sul.”*

*(Torres Garcia)*

## RESUMO

### A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA AMÉRICA LATINA NA MÍDIA ALTERNATIVA BRASILEIRA: O PODCAST PULSO LATINO COMO PRODUÇÃO ESPECIALIZADA

AUTOR: Denzel Valiente  
ORIENTADORA: Neli Mombelli

A presente pesquisa busca analisar a construção identitária da América Latina através da mídia alternativa brasileira. Toma-se como objeto o *podcast* do *Pulso Latino* como mídia especializada em América Latina. A partir disto, busca-se inventariar quais são as marcas de representação da América Latina pelo *podcast*, identificar a abordagem valorativa dos episódios e detectar quais são as práticas de jornalismo independente manifestas pelo *Pulso Latino*. Para isto, esta pesquisa apresenta e relaciona os conceitos de identidade, representação, cultura, conflitos de poder, hegemonia e contra-hegemonia, jornalismo especializado em América Latina e *podcast*. Após esta revisão literária, parte-se para a análise de conteúdo do objeto. Posto isto, é possível compreender que o *Pulso Latino*, atua como mídia alternativa e especializada de maneira aprofundada.

**Palavras-chave:** América Latina; Jornalismo alternativo; Jornalismo especializado; identidade; *podcast*.



## RESUMEN

### LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DE AMÉRICA LATINA EN LOS MEDIOS ALTERNATIVOS BRASILEÑOS: EL PODCAST LATINO PULSO COMO PRODUCTO ESPECIALIZADO

AUTOR: Denzel Valiente  
ASESORA: Neli Mombelli

Esta investigación busca analizar la construcción de identidad en América Latina a través de los medios alternativos brasileños. El objeto es el podcast Pulso Latino como medio especializado en América Latina. A partir de esto, buscamos inventariar cuáles son las marcas de representación de América Latina por el podcast, identificar el enfoque de valor de los episodios y detectar cuáles son las prácticas de periodismo independiente manifestadas por Pulso Latino. Para ello, esta investigación presenta y relaciona los conceptos de identidad, representación, cultura, conflictos de poder, hegemonía y contrahegemonía, periodismo especializado en América Latina y podcast. Tras esta revisión literaria, se analiza el contenido del objeto. Dicho esto, es posible entender que Pulso Latino actúa como medio alternativo y especializado de manera profunda.

**Palabras-llave:** Latinoamérica; Periodismo alternativo; Periodismo especializado; identidad; podcast.

## **ABSTRACT**

### **THE CONSTRUCTION OF LATIN AMERICA IDENTITY IN THE BRAZILIAN ALTERNATIVE MEDIA: THE PULSO LATINO PODCAST AS A SPECIALIZED PRODUCT**

**AUTHOR:** Denzel Valiente

**ADVISOR:** Neli Mombelli

This research seeks to analyze the construction of identity in Latin America through the alternative Brazilian media. The object is the Pulso Latino podcast as a specialized media in Latin America. From this, we seek to inventory which are the representation brands of Latin America by the podcast, identify the value approach of the episodes and detect which are the independent journalism practices manifested by Pulso Latino. For this, this research presents and relates the concepts of identity, representation, culture, power conflicts, hegemony and counter-hegemony, specialized journalism in Latin America and podcast. After this literary review, the content of the object is analyzed. That said, it is possible to understand that Pulso Latino acts as an alternative and specialized media in a profound way.

**Keywords:** Latin America; Alternative journalism; Specialized journalism; identity; podcast.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Ilustração 1 - Mapa dos países temas dos episódios.....	38
---	----

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Porcentagem dos países citados nos episódios.....	42
---	----

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Categorização geral.....	40
Tabela 2 - Tipificação da análise por fontes e marcas de representação.....	46

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. CAPÍTULO I.....</b>	<b>17</b>
2.1 IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E CULTURA.....	17
2.2 CONFLITOS DE PODER, HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA.....	20
<b>3. CAPÍTULO II.....</b>	<b>26</b>
3.1 JORNALISMO ESPECIALIZADO EM AMÉRICA LATINA.....	26
3.2 PODCAST.....	32
<b>4. A AMÉRICA LATINA EM PAUTA: ASPECTOS ANALÍTICOS.....</b>	<b>36</b>
4.1 PULSO LATINO: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E REPRESENTAÇÃO.....	39
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*A praça! A praça é do povo  
 Como o céu é do condor  
 É o antro onde a liberdade  
 Cria águias em seu calor.  
 Senhor!... pois quereis a praça?  
 Desgraçada a população  
 Só tem a rua de seu...  
 Ninguém vos rouba os castelos  
 Tendes palácios tão belos...  
 Deixai a terra ao Anteu.  
 (Castro Alves)*

Mesmo habitando o maior país da América Latina, o brasileiro possui pouco conhecimento acerca da cultura, da política e da sociedade dos demais países latino-americanos e caribenhos. Segundo Darcy Ribeiro (2010), apesar de existir uma América Latina continental, a sua existência física não se reflete em uma estrutura sociopolítica unificada, pois diferentes implementações coloniais no território fizeram com que as nações coexistissem sem conviver ao longo dos séculos.

A atuação da mídia tradicional brasileira pode vir a ser um dos fatores que contribuem para tal desunião, já que constantemente reduz a cobertura internacional ao cenário norte-americano e europeu, reproduzindo ou adaptando informações de agências de notícias estrangeiras. Desta maneira, é perceptível que muitas informações das mais variadas áreas, como cultura, sociedade e política dos países latino-americanos são suprimidas do alcance do brasileiro. Isso resulta na carência de informação da sociedade brasileira acerca da própria história e da própria cultura, que fica limitada às notícias dos grandes centros europeus e norte-americanos.

Entretanto, a partir da popularização da *internet* começaram a nascer novas formas de se fazer jornalismo. O *podcast* surge neste cenário como um programa de áudio com abordagem de temas variados disponibilizado nesse ambiente digital. Neste cenário, dá-se a relevância em analisar o conteúdo produzido pelo *podcast* do *Pulso Latino*<sup>1</sup>, como uma mídia alternativa ao discurso tradicional que pode vir a ser uma opção para que nossa sociedade tenha um melhor conhecimento sobre o que acontece ao seu redor de maneira simples e acessível.

Esta pesquisa debruça-se sobre o conteúdo produzido pelo *Pulso Latino*, observando a sua atuação como mídia alternativa e especializada, o conhecimento movimentado sobre América Latina e sua relação com a ideia de construção identitária. Logo, a questão central que

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2vgqsyHGRlpYPSnFRCx7sY>

se coloca neste trabalho é: Como o *Pulso Latino*, sendo uma mídia independente, aborda a identidade da América Latina? Para responder tal questionamento, esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação feita sobre a América Latina pelo *podcast Pulso Latino* como uma mídia especializada. Já os objetivos específicos são: Inventariar marcas de representação de América Latina pelo *podcast*; Identificar a abordagem valorativa dos episódios; Detectar as práticas de jornalismo independente.

Partiu-se, em um primeiro momento, para um levantamento do estado da arte envolvendo o espectro do tema desta pesquisa, em que foram encontrados 21 artigos. Eles são relacionados às práticas jornalísticas na América Latina, a questões ligadas à identidade, territorialidade e cultura, grupos dominantes e dominados, mídias hegemônicas e contra-hegemônicas, globalização, direitos humanos, decolonialidade e *podcasts*.

Desses artigos, seis abordam temáticas relacionadas ao cenário latino-americano, como, *Sistema Midiático Brasileiro: Uma Leitura da Identidade Latino-americana nas Pautas Jornalísticas*, de Jéssica Monteiro de Godoy e Maria Cristina Goby (2017), trabalho que debate sobre a construção da identidade-latino-americana na mídia brasileira. Usa-se de autores como Serva (2001) para se escrever sobre excesso de notícias, sem desdobramentos, Alsina (2009) sobre as relações entre grupos dominantes e dominados e Santanna (2006) sobre raízes históricas e culturais e processos políticos e econômicos na América Latina. Além desse, outros quatro artigos mapeados, a cobertura realizada pela mídia brasileira sobre os acontecimentos nos países latino-americanos.

Já o artigo *Globalização e tirania da informação: a formação de cidadãos na democracia neoliberal*, de Marialina Côgo Antolini e Edgard Rebouças (2015), aborda os processos de globalização como forma de homogeneizar o planeta. Uma outra pesquisa, *Jornalismo alternativo, direitos humanos e decolonialidade: aproximações teóricas para pensar perspectivas inovadoras de produção e circulação de conteúdos jornalísticos alternativos*, de Juliana Fernandes Teixeira e Luan dos Santos Santana (2020), realiza uma aproximação teórica entre jornalismo alternativo, direitos humanos e decolonialidade, tratando sobre diversidade cultural, educação libertadora, diversificação, horizontalidade e coletividade nas mídias alternativas.

No mesmo caminho, foram encontrados outros artigos que buscam abordar a comunicação alternativa e progressista e a contraposição com as mídias tradicionais hegemônicas. Em um destes artigos, *Mídia Ninja e a relação com a comunicação alternativa*, de Ian Rebouças de Andrade e Marcia Vidal Nunes (2020), os autores buscam discutir os pontos



de aproximação entre a Mídia Ninja e a comunicação alternativa por meio de entrevistas semiestruturadas com participantes do coletivo.

A estrutura desta pesquisa está organizada de forma a abranger dois capítulos teóricos que abordam temas como formação da América Latina (RIBEIRO, 1986), identidade (HALL, 2006), representação e cultura, conflitos de poder (SOUZA, 2019), hegemonia e contra-hegemonia (BARBERO, 1997), jornalismo especializado em América Latina (PERUZZO, 2009) e *podcast* (PRIMO, 2005). Posteriormente, no capítulo 4, parte-se para a análise de conteúdo do *Pulso Latino* seguindo os objetivos aqui propostos.

Esta pesquisa possui como recorte metodológico a seleção de episódios do *Pulso Latino* publicados a partir de 2020 e que abordem um ou mais países, sem que haja repetições. Seguindo tais critérios, foram selecionados seis *podcast*. Após, estes episódios foram categorizados e analisados de forma a identificar o recorte geográfico, os temas, a abordagem valorativa, a tipificação da análise e os territórios correlacionados nos episódios. Com a análise concluída, foi possível identificar o tipo de abordagem sobre a América Latina pelo *Pulso Latino* e inventariar as marcas de representação manifestas pelo *podcast*, como a presença de uma valorização da cultura e da história das sociedades latino-americanas, e também dos movimentos sociais que permeiam algumas das pautas.

## 2. CAPÍTULO I

*Vivimos tantas pasiones  
Con el correr de los años  
Somos de sangre caliente  
Y de sueños postergados  
Yo quiero que estemos juntos  
Porque debemos cuidarnos  
Quien nos lastima no sabe  
Que somos todos hermanos  
(Mercedes Sosa)*

Nas suas raízes históricas, a construção da identidade brasileira, mas também dos outros países da região, consolidou-se desde a época da colonização a partir de um projeto de poder por parte das oligarquias. A formação da América Latina é calcada na estratificação social, vista com mais ênfase em alguns países da região, porém existente em diferentes níveis por todos eles.

Essa percepção já é estudada há anos por sociólogos latino-americanos. Para Néstor García Canclini (2015), nós fomos colonizados pelas nações europeias mais atrasadas e submetidas a contra-reforma. Sérgio Buarque de Hollanda (2014, p. 217), sobre o Brasil político do Segundo Reinado e da Primeira República, escreve que "quando muito manteve-se à margem dos fatos, exacerbando mesmo, pelo contraste, as forças que queria neutralizar". É nesse sentido que o programa de dominação historicamente existente aqui usa como ferramenta a construção das leis, dos discursos e do Estado como controlador social para manter a estagnação e a ausência de mobilidade social.

Entretanto, é esse próprio projeto que insuflou nos trabalhadores do campo e da cidade, nos grupos à margem da sociedade em geral, a resistência e a identificação. Mesmo que historicamente e, por vezes, involuntariamente, suprimida, a cultura da nação da América Latina encontrou, ao longo dos anos, meios de construção e resistência.

### 2.1 IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E CULTURA

A partir do sistema estagnado de manutenção de poder, fomos então, construindo nossa própria identidade e cultura. O povo brasileiro, por exemplo, em sua bagagem cultural conhece pouco ou quase nada da história da América Latina, região da qual faz parte. Segundo Prado e Pellegrino (2014, p.7-8), “nossas histórias correm paralelas desde a colonização ibérica, passando pela concomitância das independências políticas e da formação dos Estados Nacionais e chegando aos temas do século XX, como a simultaneidade das ditaduras civis-militares”.

Mesmo que sejamos semelhantes no âmbito cultural e sociopolítico por nossa herança ibérica, não nutrimos um sentimento de união.

Tamanha contradição sobre a latinoamericanidade se dá desde sua colonização, tendo ocorrido disputas até mesmo pela etimologia da denominação *América Latina*, como relatam Prado e Pellegrino no trecho a seguir:

A denominação América Latina integra nosso vocabulário cotidiano. Mas sua historicidade precisa ser lembrada. Esse termo foi inventado no século XIX, carregando desde suas origens disputas de ordem política e ideológica. Os sentidos que lhe foram atribuídos estão vinculados às polêmicas que envolveram, de um lado, franceses e ingleses (século XIX) e, de outro, latino-americanos e norte-americanos (séculos XIX e XX) (PRADO E PELLEGRINO, 2014, p.8).

Logo, os problemas que envolvem a construção da identidade latino-americana perpassam as fronteiras da história do Brasil, pois estão presentes desde o período colonial e sofrem como agravante o agendamento da mídia que cobre em grande maioria no campo internacional os Estados Unidos e a Europa.

Conforme escreve Darcy Ribeiro (1986), em *América Latina Pátria Grande*, nós vivemos no continente da utopia. Essa utopia expressa pelos primeiros colonizadores que desembarcaram aqui e se depararam com um lugar onde índios viviam pelados em uma espécie de comunismo.

“Vieram logo os mais sábios demonstrando, agora, que os índios, na verdade, estavam é mergulhados no pecado da nudez e da falta de vergonha, da luxúria e da antropofagia, do incesto, da feiticaria, da sodomia e da lesbiania” (RIBEIRO, 1986, p.66). Ou seja, não demorou muito para que a Europa colonizadora criasse e implantasse um projeto de cristandade dos povos originários da região, tirando-os das sombras, ou do que europeus consideravam como sendo sombrio, e transformando o paraíso perdido, como descreveu Colombo em carta para o Papa, em uma grande utopia cristã.

A partir daí, povos nativos foram tão colonizados quanto mortos e tiveram sua população reduzida ao longo dos séculos. Na contracorrente, inúmeras etnias se estabeleceram aqui para colonizar o novo território e formar, por cima da nação original, a América que hoje conhecemos por latina.

“Somos a resultante de empreendimentos econômicos exógenos que visam a saquear riquezas, explorar minas ou promover a produção de bens exportáveis, sempre com o objetivo de gerar lucros pecuniários”, como afirma Ribeiro (1987, p.78). Assim, nós, latino-americanos, somos o fruto de uma construção estrangeira que ergueu cidades, países e sociedades desunidas

com o único objetivo de escoar toda a riqueza para os grandes centros de forma fácil e contando com a passividade e aceitação dos que aqui residem.

Porém, apesar do esforço estrangeiro em barrar a formação de uma sociedade organizada e unida, nós conseguimos manter e construir nossa própria cultura rica e única, mesmo que nunca de fato tenha se concretizado uma integralização da América Latina.

Tais particularidades influenciaram a nossa identidade e cultura ao longo dos séculos. Logo, pensar em uma identidade latino-americana pode partir do viés de reflexão sobre as características que nos unem ou as que nos diferenciam das demais nações e se há de fato características culturais e sociais que justifiquem um pensamento conjunto sobre os países da AL.

Para compreender identidade, partimos da concepção de Stuart Hall (2006). Segundo o autor, as culturas nacionais em que nascemos definem nosso sentimento de identidade cultural, mesmo que não estejam literalmente ligadas ao nosso gene (HALL, 2006, p.47). Ou seja, apesar de sermos seres autônomos, passamos por um processo de identificação como parte de uma unidade maior que pode ser nacional e étnica.

Ainda, de acordo com Hall (2006), nós não nascemos com uma identificação cultural de pertencimento, mas sim construímos ao longo dos anos. “Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural” (HALL, 2006, p.49). Então, através de um conjunto de significados e valores, construímos a nossa própria noção de pertencimento a uma comunidade como, por exemplo, a de sermos brasileiros e brasileiras.

Essa identificação é fundamental para uma organização social e política da população, tanto para o estabelecimento de uma organização e ordem política e social através da imposição de conceitos dominantes, mas também para que a sociedade em si tenha força através da união e organização.

Todavia, apesar de nos entendermos como brasileiros, não possuímos uma construção de identificação como latino-americanos e, por muitas vezes, voltamos nosso olhar para fora, como escreve Ribeiro (1987, p.11): “ainda hoje, nós, latino-americanos, vivemos como se fôssemos um arquipélago de ilhas que se comunicam por mar e pelo ar e que, com mais frequência, voltam-se para fora, para os grandes centros econômicos mundiais, do que para dentro”. Assim, sem uma estrutura sócio-política efetiva seguimos serventes às metrópoles colonizadoras como fomos no passado.

Essa desunificação que nos faz socialmente distantes, mesmo que geograficamente próximos, atende ao projeto maior e exterior de relação de poder entre grupos dominantes e

dominados. Projeto esse que não poderia vingar sem o apoio dos grupos dominantes locais como governos e da própria mídia tradicional em interesse próprio.

## 2.2 CONFLITOS DE PODER, HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA

Na América Latina, a dominação histórica seguiu sem que nunca houvesse de fato uma revolução das classes populares, capaz de causar uma real mudança da ordem social. Em 1932, Buarque de Hollanda já analisava a dissolução lenta da ordem colonial e patriarcal. Segundo ele, o ideal seria “uma revolução vertical e que trouxesse à tona elementos mais vigorosos, destruindo para sempre os velhos incapazes” (2014, p. 2015).

Mas a manutenção do poder dentro da sociedade segue até a atualidade, causando diferenças de oportunidades e realidades para os grupos sociais da América Latina. Um processo de reorganização político-social nunca ocorreu e, pelo contrário, foi sempre impedido pelos setores da sociedade que durante o passar dos séculos controlaram a esfera pública e a privada.

A dominação de uma parte sobre outra usou, desde sempre, de artifícios em seu favor, como por exemplo, o poder estatal e a mídia. É nesse sentido que cria-se o conceito de hegemonia. Conforme Geraldo Resende (2005), ao analisar o discurso de Antonio Gramsci, a hegemonia surge a partir do momento em que determinados interesses de um grupo de poder transpassam esse grupo e são inseridas aos subordinados, adotadas como ideologias e transformadas em senso comum, fazendo com que várias camadas da sociedade encarem como próprias. Essa ideologia dominante para ser transformada em senso comum precisa ser trabalhada por diversos setores, como os intelectuais, mídia e Estado.

Resende (2005) também ressalta que em contrapartida à hegemonia existe um trabalho de contra-hegemônia, em que há a discordância. São exemplos deste processo contra-hegemônico os jornais que surgiram para denunciar os crimes cometidos pelos militares brasileiros durante a Ditadura Militar de 1964 à 1985 e mídias *onlines* da atualidade que fazem contraponto aos veículos massivos, como *Mídia Ninja* e *Agência Pública*.

No setor privado, a mídia tradicional e massiva apresenta um papel fundamental na consolidação e na manutenção do pensamento estabelecido pelos dominantes. Para o sociólogo brasileiro Jessé Souza (2019), a imprensa tradicional brasileira age junto aos detentores do poder real em favor dos seus interesses próprios e, para isso, focaliza seu discurso na classe média usada como manobra para a conservação do poder estabelecido.

Nesse sentido, “o que a grande imprensa vende a seu público cativo é essa tranquilidade de certezas fáceis” (SOUZA, 2019, p.187). O moralismo, a partir desse ponto, é visto como o conforto de pertencer a uma classe tradicional e homogênea, tida como o caminho certo, o que acompanha a maioria.

A construção da hegemonia, como vista nos dias de hoje, remete ainda ao pensamento gramsciano do início do século XX. É a partir de Gramsci que Dênis de Moraes (2010) relata a construção da hegemonia como um processo complexo e demorado que não pode ser visto como uma coerção pura e simples. Isso se deve ao fato de que, para haver a dominação de uma classe sobre outras, é necessário um aparato que inclui vários setores das esferas pública e privada.

Podemos tomar, por exemplo, a dominação política através do uso do Estado como dominante e detentor do poder na esfera pública. Já na privada, funcionam os grupos teoricamente livres do controle estatal, mas que agem de forma a consolidar o poder vigente, entre eles, o exemplo da imprensa. Para Gramsci, conforme Moraes (2010), a imprensa possui um papel-chave como aparelho privado de hegemonia sob influência das classes. Os jornais e revistas, nesse pensamento, selecionam e organizam determinadas culturas a ponto de que essas se sobressaíam às outras.

As culturas alternativas, mesmo que não sejam eliminadas pela hegemonia, passam a fazer parte da margem do debate público e precisam nadar contra a corrente para manterem-se e resistirem. Souza (2019) enfatiza que a manutenção do público e da dominação pela imprensa passa pela midiaticização de setores oprimidos sem real intenção de provocar mudanças sociais efetivas. Tomando como exemplo a *Globo*, o sociólogo escreve que “a glorificação do oprimido não ajuda em nada na melhoria do cotidiano cruel e opressivo dos pobres, mas emula a necessidade de legitimação da vida que se leva quando as possibilidades de mudança efetivas estão interdidas” (SOUZA 2019, p.229).

Dentro do pensamento latino-americano, Jesús Martín Barbero (1997) debate e busca dar significado à hegemonia. Conforme Barbero (1997), partimos da noção de popular como povo. Para ele, a invocação do popular legitima o poder por parte da burguesia, visto que faz-se a partir daí a contraposição entre o que é culto e o que é popular, caracterizando o popular como o inculto. O povo então é definido por exclusão, como ressalta Barbero (1997, p.25), “do popular designando, no momento de sua constituição em conceito, um modo específico de relação com a totalidade do social: a da negação, a de uma identidade reflexa, a daquele que se constitui não pelo que é mas pelo que lhe falta”.

Logo, as classes populares, o povo destinado à miséria, são ocultadas pela burguesia, ao mesmo tempo que apresenta um risco e deve ser temida, combatida e excluída. O ódio ao pobre pode ser considerado uma maneira encontrada, principalmente pela classe média, de se autoafirmar como classe dominante, mesmo que seja dominada pelos grupos detentores do poder real.

Para Barbero (1997, p.104), a partir da leitura de Gramsci, a hegemonia “se faz e desfaz, se refaz permanentemente num "processo vivido", feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade”. A hegemonia, então, é um processo complexo em que as classes dominantes buscam atingir as classes subalternas impondo a elas o discurso dominante e suprimindo a cultura popular.

A classe hegemônica, enquanto produtora de cultura, precisou, não tendo outra alternativa para expressar-se culturalmente, subordinar a sua cultura às classes dominadas. Para Barbero (1997), não existe hegemonia nem contra-hegemonia se não houver uma circulação social. O antropólogo entende que o processo de enculturação não foi exclusivamente repressivo pois, mesmo que tenha aberto às classes populares o acesso à cultura hegemônica, também possibilitou a construção da cultura para o popular e, a partir daí, o registro histórico de sua própria cultura.

Entretanto, mais do que a cultura criada para o popular, é preciso pensar na que é feita do popular para ele mesmo. É nessa lógica que podemos relacionar a contra-hegemônica. Tomando por objeto a mídia contra-hegemônica, entendemos como a comunicação realizada e pautada pelos próprios grupos populares, alternativos, para eles próprios.

Se a produção hegemônica está pautada na manutenção do poder já estabelecido, então seria preciso que os grupos excluídos construam sua própria comunicação num processo de identificação e de ocupação de espaço. Partindo para a análise da mídia contra-hegemônica e alternativa, Cicilia Peruzzo (2009) a define como contra-comunicação, uma outra comunicação que se difere da direção político-ideológica e na proposta editorial.

A comunicação alternativa, então, é aquela que além de exercitar a liberdade de expressão e oferecer um conteúdo diferenciado, também tem como intuito “servir de instrumento de conscientização e, assim, democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social” (PERUZZO 2009, p.132). Logo, esse tipo de corrente visa quebrar com a hegemonia política, cultural e social através de uma abordagem alternativa, que dê visibilidade e voz às classes subalternizadas com real intenção de provocar mudança social.

A comunicação alternativa ou contra-hegemônica, neste contexto utilizada como sinônimo, encontrou, ao longo dos anos, diferentes formas de expressar-se. Durante os anos em que a Operação Condor implantou regimes militares por inúmeros países da América Latina, por exemplo, a produção alternativa era clandestina e censurada (PERUZZO, 2009). Além disso, essa comunicação pode ser resumida como contestadora ao *status quo* e, como escreveu Peruzzo (2009), ela se apresenta nos mais distintos e livres meios de comunicação, que vão desde jornais até rádios, televisões e panfletos.

É preciso relacionar a produção contra-hegemônica brasileira à histórica resistência das classes subalternizadas do país. De acordo com Barbero (2021), a criatividade comunicativa das culturas populares do Brasil possibilitou o pioneirismo no uso dos meios de comunicação como agentes de transformação social, já que, graças a “força dos movimentos sociais e sua lucidez em assumir os meios como um palco de luta política e cultural, quando a maioria dos sindicatos e movimentos da América Latina ainda sofria de uma grande miopia” (BARBERO 2021, p.136).

A grande circulação de jornais clandestinos durante a Ditadura Militar brasileira, criou uma comunicação alternativa que visava a noticiar o que era censurado na mídia tradicional e, muitas vezes, pela própria mídia tradicional em favorecimento aos interesses do regime vigente. Mesmo que esses jornais tenham sido fortemente reprimidos e com um curto tempo de circulação, criou-se, a partir daí, um entendimento de mídia alternativa que tornou-se mais amplo com a popularização da *internet*. Mas, como exemplifica Peruzzo (2009, p.132), “com o passar do tempo, o uso do termo ‘alternativo’ para qualificar uma modalidade de comunicação foi se tornando mais complicado, porque seu significado, diante das diferentes práticas que foram surgindo, não é unívoco”.

Ou seja, a comunicação alternativa ganhou, ao longo dos anos, um amplo significado que engloba vários tipos diferentes de se fazer comunicação dentro de um mesmo termo. Mas podemos considerar a similaridade da proposta desses diferentes formatos em fazer uma contraposição ao discurso hegemônico. Peruzzo (2009) também propõe a organização da comunicação alternativa em duas grandes correntes. Para ela, pode-se dividir em comunicação popular alternativa e comunitária e imprensa alternativa.

Neste trabalho, mesmo que proposto a análise da representação dada a América Latina pela imprensa alternativa, é importante compreender os fatores culturais, sociais e políticos que permeiam o tema e caracterizam o tipo de mídia e sua proposta de atividade. Assim, entende-se que a mídia alternativa caracteriza-se, em parte, pela capacidade de variar as discussões nas mais diversas áreas.



Essa diversificação, oriunda da imprensa alternativa, crescente nos últimos anos, luta na contracorrente de um dos traços mais marcantes do período histórico atual. Pois, de acordo com Milton Santos (2008), as novas condições técnicas que vivenciamos e que deveriam ter o papel de permitir o acesso e o compartilhamento do conhecimento entre os setores da sociedade são, na realidade, utilizadas em função de objetivos particulares.

Porém, a partir do século XXI, as formas alternativas de expressão ganham nova força, aparecendo em formatos como vídeos, web rádios, sites, videologs e podcasts, por exemplo (PERUZZO, 2009). Mesmo que essas técnicas sejam utilizadas de maneira contra-hegemônica, Estados e empresas, com muito mais recursos e poder, apropriam-se das mesmas tecnologias “aprofundando assim os processos de criação de desigualdades” (SANTOS 2008, p.39). A desigualdade histórica é expressa, também aqui, pelo diferente grau de acesso e conhecimento das redes pelos diferentes grupos.

Mesmo com toda a desigualdade resultante dos processos entre grupos dominantes e dominados, com a popularização da *internet*, surgiram novos veículos alternativos com propostas diferentes das exercidas pelas mídias tradicionais. Conforme John Downing (2004), a mídia alternativa tem sua matriz ligada à cultura popular, pois é relativamente independente da pauta hegemônica, ao mesmo tempo que se opõem aos poderes constituídos. Para ele, a mídia alternativa é “um fenômeno misto, muitas vezes livre e radical em certos aspectos, mas não em outro” (DOWNING 2004, p. 39).

É nesse sentido que produções culturais descentralizadas começaram a crescer nos últimos anos. Entre elas estão os *podcasts* cada vez mais populares e numerosos. Segundo Medeiros (2005), o *podcast* permite que os ouvintes não fiquem restritos ao conteúdo produzido pelas grandes mídias, mas sim que “a ideia é exatamente burlar esse tipo de prática incluindo na programação dos podcasts conteúdo sonoro alternativo” (MEDEIROS, 2005, p.2).

Diante dessas transformações que possibilitaram a criação de mídias alternativas especializadas, está o Pulso Latino, *podcast* que produz conteúdo focado na América Latina e pouco usual na mídia tradicional. Como o próprio Pulso se apresenta, “surgimos a partir de um desejo coletivo de produzir um conteúdo qualificado, plural, de acesso fácil e gratuito sobre diversos temas e problemáticas presentes nos países hermanos e no Brasil.” (PULSO LATINO, 2019).

Essa produção faz parte do novo cenário de conteúdos disponíveis na *internet*, produzido pelo público para o público. Nesse sentido, também, a audiência deixa de ser passiva e os produtos deixam de ser meramente mercadorias vendáveis produzidas com a única finalidade de popularização sem intenção de mudança social ou qualquer que seja a mensagem.

Canclini (1999) argumenta sobre a necessidade de mudança dos valores do consumo. Para ele, é necessário um reposicionamento do mercado na sociedade para reconquistar o interesse pelo público.

Se essa mudança não ocorreu como o sugerido pelo autor ainda no século XX, as mudanças provocadas pelo advento da *internet* reposicionaram o mercado e a forma como ele se comunica com o público. Mesmo que na grande mídia a produção ainda seja encarada como mercadoria, na alternativa, a função de informar, construir conhecimento e diálogo entre diferentes grupos sociais passa a ser exercida como uma via de comunicação necessária. Essa mudança vai ao encontro do pensamento de Canclini de que “o consumo se mostrará como um lugar de valor cognitivo, útil para pensar e atuar significativamente e renovadamente, na vida social.” (CANCLINI 1999, p. 92).

A mídia contra-hegemônica, como produtora de conteúdo voltado para o conhecimento e mudança social, passa a ter um caráter educativo e a abordar pautas incomuns nas empresas de comunicação massiva. No caso do *Pulso Latino*, a especialidade passa a ser a informação acerca do que ocorre na América Latina, para que nós, latino-americanos, tenhamos uma fonte de informação sobre o território que habitamos. As notícias dos demais países latino-americanos não são abordadas pela mídia hegemônica com o mesmo grau de intensidade do que os conteúdos sobre América do Norte e Europa. A partir daí o jornalismo contra-hegemônico passa a exercer, também, uma função de jornalismo especializado.

### 3. CAPÍTULO II

*Nada nos regalaron  
 Hemos pagado muy caro  
 Quien se equivoca y no aprende  
 Vuelve a estar equivocado  
 Tenemos venas abiertas  
 Corazones castigados  
 Somos fervientemente  
 Latinoamericanos  
 (Mercedes Sosa)*

No início do jornalismo em terras brasileiras, ainda durante o Império, os jornais faziam uma cobertura dos acontecimentos internos, sem espaço para o jornalismo internacional. Segundo Natali (2004), existiam duas razões para que o internacional fosse pouco presente no jornalismo daqui. O primeiro ponto era o fato de as notícias chegarem via navio naquele período, logo toda notícia vinda de fora tinha um atraso de no mínimo seis semanas. Já o segundo ponto elencado diz respeito ao fato de que, na época, as oligarquias eram em suma bilíngues e por sua vez importavam publicações que chegavam diretamente da França ou outros locais da Europa.

Um dos primeiros jornais internacionais do Brasil que se tem conhecimento, de acordo com Natali (2004), chamava-se Gazeta Universal e começou a ser publicado em 1836, entretanto o jornal era impresso apenas quando notícias vindas do exterior chegavam pelos navios, caso contrário, não havia publicações.

Já nessa época se percebia um espaço maior para notícias sobre os “Estados Unidos - objeto de um interesse intenso que se intensificaram após a Guerra do Paraguai” (NATALI, 2004, p.37). Essa tendência só aumentou ao longo dos séculos em detrimento do noticiário latino-americano, por exemplo. Ao passar dos anos, com a evolução da sociedade e dos meios de comunicação, surgiram os grandes conglomerados midiáticos. A partir daí os conteúdos foram cada vez mais pensados e produzidos com valor mercadológico. Porém, em contrapartida a esta lógica empresarial, a evolução do jornalismo também proporcionou o surgimento de mídias alternativas e especializadas. O que, com o decorrer do tempo, está se tornando um caminho de mudança e de real oportunidade de conhecimento.

#### 3.1 JORNALISMO ESPECIALIZADO EM AMÉRICA LATINA

A mídia alternativa como parte da cultura popular especializou-se em reportar os acontecimentos, fatos e notícias sobre a própria cultura. Se no noticiário tradicional a voz das

massas é subtraída ou tirada de contexto, no jornalismo alternativo especializado, espera-se que o foco seja a comunicação independente dos poderes já estabelecidos. Downing (2004, p. 39) escreve que “o termo serve para nos fazer lembrar que toda essa mídia é parte da cultura popular e da malha social como um todo e não se encontra isolada”. Ou seja, a mídia alternativa, mesmo que relativamente independente, ainda pode apresentar aspectos não totalmente livres dos elementos hegemônicos. Entretanto, a sua produção focaliza em conteúdos infocomunicativos quando se comparado os veículos tradicionais (PERUZZO, 2009).

Neste contexto, o *podcast* do *Pulso Latino* que apresenta como um de seus objetivos “fortalecer o sentimento latino-americano de brasileiras e brasileiros e expandir os seus olhares sobre as diversidades e singularidades da América Latina” (PULSO LATINO, 2019), pode ser entendido como uma mídia alternativa produtora de conteúdo jornalístico e informativo especializado. De acordo com Alessandra Lemos Fernandes (2017), o jornalismo especializado é a vertente jornalística que se caracteriza contrária à cobertura geral dos fatos. A autora elenca alguns dos pontos característicos das produções especializadas como sendo:

Foco: pautas direcionadas a determinado tema ou a um assunto específico; Aprofundamento: abordagens além do senso comum, contrárias a superficialidade do noticiário em geral; Linguagem diferenciada: uso maior de termos técnicos e científicos e de jargões, sem a necessidade de explicações detalhadas, uma vez que se trata de um discurso comum àquela área do conhecimento; Profissionais especializados: produções realizadas geralmente por jornalistas com formação complementar ou com maior domínio do tema. (FERNANDES, 2017, p.21).

Diferentemente do jornalismo diário, o especializado tem como proposta fazer uma análise e cobertura mais detalhada em fatos e fontes. A abordagem, portanto, é diferenciada e aprofundada, debatendo temas e ideias que não aparecem no jornalismo tradicional diário. Além disso, como os assuntos abordados são analisados com mais profundidade, por vezes, a linguagem passa a ser diferenciada, com um uso maior de termos técnicos ou conceitos sobre determinada área. Os profissionais produtores desses produtos especializados, por vezes, não são apenas jornalistas.

Segundo Fernandes (2017), uma mídia especializada demanda jornalistas e demais produtores que tenham conhecimento especializado sobre os assuntos por ela propostos. É nesse caminho que o *Pulso Latino*, que é produzido por um coletivo de 12 pessoas, conta com profissionais de diferentes áreas como ciências sociais, sociologia, história, jornalismo e direito. Assim, os conteúdos dos episódios do *podcast* possuem análises aprofundadas realizadas pelos participantes. Além disso, os entrevistados do *podcast* ajudam na construção desse debate especializado em América Latina.

O jornalismo especializado, mesmo que já existente, passa por um processo de popularização. Para Marli Santos e Wilson da Costa Bueno (2015), a vertente especializada das produções jornalísticas significa a consolidação de um processo de segmentação do campo do jornalismo. Essa vertente funciona articulando conteúdos e audiência ativa por meio do uso de jargões, termos técnicos, aprofundamentos e conceitos compartilhados.

Buscando conceituar o especializado, Santos e Bueno (2015) o definem como uma oposição ao jornalismo de informação geral. Logo, ele se difere da cobertura generalista tendo em vista que “não se vincula a uma temática específica e se manifesta a partir de um discurso despojado de termos e expressões técnicos ou científicos, ele pressupõe uma área de cobertura circunscrita a uma temática, um discurso “especializado” (SANTOS e BUENO, 2015, p. 282). Assim, o jornalismo especializado utiliza profissionais de determinados campos de conhecimento e múltiplos níveis de capacitação.

Mas, para que possa focar sua produção aprofundada nos mais variados campos, é necessário que o jornalismo especializado tenha, também, suas próprias ramificações. Assim surgem os diversos subcampos como, por exemplo, o jornalismo político, científico, econômico, esportivo, ambiental, sindical e internacional. Além disso, os produtos destes apresentam-se nos mais variados meios e formatos. É comum, já que eles são de certa forma uma oposição ao jornalismo geral, que não circulem em meios típicos do jornalismo diário como os programas de notícias e jornais diários. Mesmo que também se apresentem nesses formatos, as produções especializadas podem ser encontradas em outros, como revistas, *sites* e *podcasts*, por exemplo.

O jornalismo especializado, gradativamente, ganha visibilidade. Conforme Santos e Bueno (2015, p.279) há, atualmente, uma “multiplicação de veículos impressos, programas radiofônicos ou televisivos [...] e mesmo espaços virtuais – blogs ou portais – especializados em determinados focos de cobertura (mudanças climáticas, nanotecnologia etc.)”. Essa segmentação, nesse sentido, é considerada como a existência de uma notória heterogeneidade da audiência que não se reserva mais apenas ao conteúdo jornalístico geral diário. Mas busca por fontes de informação que correspondam às suas necessidades e às suas realidades.

Mesmo que consumir jornalismo alternativo especializado esteja em voga pelo crescimento das mídias *onlines* e da democratização do acesso tanto de produtores quanto de consumidores, atuar como jornalista especializado não segue, necessariamente, o mesmo caminho. Segundo Milton Santos (2008, p.100), “a lógica do dinheiro impõe-se aquelas da vida socioeconômica e política”. Sendo assim, o mundo corporativo e hegemônico exerce influência

sobre a pauta da mídia tradicional e também passa a buscar introduzir-se nas produções especializadas.

Para Santos e Bueno (2015, p. 282), é importante que o jornalista dessas áreas exerça uma atuação baseada na ética e na vigilância em relação aos *lobbies*, pois estes “buscam, quase sempre de forma não ética e transparente, favorecer interesses de governos e corporações”. Assim o mecanismo hegemônico infiltra-se em todos os setores sociais e culturais e nos diversos meios do jornalismo, seja ele o tradicional como, também, o independente e alternativo com diferente força e poder em cada um deles. Mesmo que esteja, de certa forma, presente em todos eles.

Ainda assim, se através do uso da mídia tradicional as empresas e os governos buscam meios de manutenção dos seus poderes estabelecidos, autopromoção e censura a informação incomoda, na especializada o mesmo acaba por ocorrer. Segundo um relatório publicado pelo *Voces del Sur*, projeto de monitoramento as agressões à imprensa e a liberdade de expressão que atua em 11 países da região e no Brasil e conta com a parceria da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), entre janeiro e junho de 2020, foram mais de 600 violações à liberdade de imprensa na América Latina.

O dossiê levanta que entre as vítimas podem ser contabilizados 336 jornalistas, 27 repórteres independentes, 220 meios de comunicação, 46 fotógrafos e cineastas, 37 diretores, editores e executivos de meios de comunicação, 11 trabalhadores de comunicação e 1 produtor de conteúdo. Os dados apontam, ainda, que 453 desses ataques foram realizados por parte dos governos, 95 por meios não estatais e 61 de forma desconhecida (VOCES DEL SUR, 2020).

O levantamento apresentado pelo *Voces del Sur* evidencia uma realidade vivida na América Latina e intensificada durante a pandemia do novo coronavírus. Os ataques não foram restritos aos veículos alternativos e especializados, mas sim atingiram a todos os meios de comunicação sejam eles hegemônicos ou contra-hegemônicos. Mesmo assim, ao analisar o relatório, é perceptível que grande parte dos ataques foram direcionados por parte dos governos latino-americanos às mídias alternativas especializadas que, ao longo de 2020, buscaram denunciar a gestão da pandemia e a repressão às manifestações sociais que ocorreram na região durante os últimos anos.

O crescimento das mídias *onlines* especializadas nos últimos anos serve como forma de denunciar tanto as ações de governos como, também, os ataques à imprensa. Entre essas mídias alternativas com múltiplos focos passa a surgir, dentro do segmento de internacional, as focadas na informação sobre a América Latina. É neste contexto que encaixa-se o *Pulso Latino* pela

especialidade em tratar de assuntos da região. A partir daí é possível que o *podcast* do *Pulso Latino* exerça um papel de agência de notícia internacional especializada.

Este novo tipo de mídia, ao produzir notícias internacionais com um propósito diferente e com produtores que residem no local em que as notícias saem é, então, alternativo ao que é realizado pelas agências de notícias estrangeiras tradicionais. Em uma pesquisa onde analisou a seção de internacional de jornais tradicionais, Francisco Sant'Anna (2001) concluiu que “quando a questão latino-americana é tratada, os jornais apresentam majoritariamente o Brasil como ator principal da notícia” (SANT'ANNA, 2001, p. 9). A partir daí, outros países da região foram, pelos jornais analisados, abordados de maneira secundária. Também foi notada a assimetria entre notícias sobre América do Norte, Europa e América Latina. A última ocupou a 10ª posição (SANT'ANNA, 2001). Ainda, conforme Sant'Anna (2001), um seleto grupo de países da região dominam o noticiário sobre a América Latina.

O que fica evidente nesta pesquisa é que os jornais tradicionais dão espaço na editoria de internacional, majoritariamente, aos fatos e acontecimentos que tenham envolvimento direto com o Brasil ou que sejam oriundos de países da Europa e da América do Norte. Essa seleção noticiosa privilegia países mais ricos e distantes em detrimento dos próprios países que compõem a região. Essa seleção prejudica a formação de conhecimento e identidade do brasileiro como latino-americano.

Em uma pesquisa de Camilla Tavares e Maria Fernandes (2021), sobre a editoria mundo dos portais *Folha de São Paulo* e *O Globo*, foi destacado o baixo índice de abordagem aos países latinomericanos, que foram pautadas em menos de 30% das notícias coletadas. Assim como no trabalho de Sant'Anna (2001), Tavares e Fernandes (2021), também verificou que a maioria das notícias sobre a AL tinham alguma relação com os Estados Unidos. Esses dados reforçam o caráter de dependência e secundariedade dado aos países latino-americanos, o que pode ser considerado como um padrão na cobertura hegemônica.

Na pesquisa de Tavares, os países da América Latina aparecem direta ou indiretamente em menos da metade das publicações que foram analisadas. Mesmo assim, quando apareceram estiveram “atrelados a fatos negativos e oficiais, estando pautados geralmente por temas normativos, institucionais, político-partidários e diplomáticos” (TAVARES, FERNANDES, 2021, p. 13). Assim, percebe-se que a informação sobre a região é preterida e pautada pelas informações oficiais e governamentais sem um trabalho de campo e local que possibilite uma abordagem mais democrática e que aborde a pluralidade cultural e social do continente fazendo da comunicação um meio democrático de acesso e oportunidade de conhecimento.

Percebe-se, assim, que o brasileiro pouco tem acesso ao que acontece nos demais países que compõem a AL e que compartilham de questões culturais, sociais, políticas e econômicas. Essa alienação beneficia as metrópoles colonizadoras que ainda exercem poder sobre a nossa região. Em contrapartida, o jornalismo internacional praticado pelo *Pulso Latino* e pelas demais mídias alternativas especializadas em América Latina agem como ferramentas de informação e educação que contribuem com as noções de conhecimento e pertencimento de nós latino-americanos.

Essa capacidade só foi possível de se alcançar após a popularização da *internet* que transformou as possibilidades de se produzir comunicação. De acordo com Natali (2004), a *internet* foi de fato uma revolução no jornalismo internacional no momento em que “ela fez com que o redator abandonasse seu papel passivo diante dos telegramas das agências” (NATALI, 2004, p. 57). O jornalista deixou ou pelo menos pode deixar de ser apenas um retransmissor de notícias prontas vindas de agências estrangeiras para se tornar a fonte primária, o próprio profissional a apurar os acontecimentos e redigir as notícias. Com a *internet*, as barreiras físicas deixaram de ser limitadoras da produção do jornalismo internacional.

Essas fontes primárias de notícias sobre a América Latina mudam o entendimento consolidado e relatado por Sant’Anna (2001) de que a América Latina na imprensa mundial é retratada de forma marginalizada. O tom grotesco de como a região é retratada nas agências estrangeiras tradicionais se baseia em pautas ligadas a negatividade e informações que reforçam o caráter de periferia historicamente dado aos países latino-americanos. Mesmo que contraditória, essa visão negativa dada a América Latina não se resume às produções vindas da América do Norte e Europa, os veículos da região corroboram com esse pensamento de negatividade. Assim, mesmo que o fortalecimento regional seja fundamental no contexto do mundo globalizado, os veículos tradicionais brasileiros não corroboram com essa estratégia e nem contribuem para a latinidade, isto é, para a construção do imaginário social (SANT’ANNA, 2001).

Alexandre Barbosa (2005) adiciona importantes considerações nesse sentido ao propor uma divisão entre América Latina popular e oficial. Para Barbosa, a comunicação da grande imprensa, dos jornais diários, grandes *sites* e conglomerados é propriedade da porção burguesa, ou, da América Latina oficial. Logo, se a produção é realizada pelos grupos hegemônicos, ela tem como principal foco atingir o público hegemônico, não só no noticiário diário como, também, no internacional. Assim, a América Latina oficial constrói um cenário a parte onde se comunica entre si e com países de fora, marginalizando a América Latina popular.



As classes dominantes detêm os meios de comunicação e o poder sob as produções e sob os próprios jornalistas. Estes, mesmo que oriundos do popular, ao “conseguir empregos nas empresas privadas de comunicação, abandonam os óculos da América Latina popular e passam a ver o mundo com os olhos da América Latina burguesa” (BARBOSA, 2005, p. 69). Mesmo os que não passam a corroborar com a lógica da classe burguesa acabam por ficar submetidos a linha editorial dos veículos oficiais em que atuam.

Assim, para atender aos seus interesses privados, a América Latina oficial precisa utilizar de diversas fontes, entre elas a mídia. Então, passa a utilizar esta como forma de influência sob o público. A cobertura midiática atribui maior ou menor atenção aos eventos partindo dos interesses próprios. Ou seja, a seleção do que será noticiado faz com que o público de maior ou nenhuma atenção aos fatos, “quanto maior atenção a mídia dá a determinado assunto, maior é a relevância que o público atribui a ela” (NICOLATO, 2019, p.194).

Ainda que as disputas pelo poder sejam complexas e exerçam influência sobre a mídia tanto no âmbito da informação nacional como na internacional, a comunicação popular, alternativa, encontrou na *internet* um meio de chegar ao seu público-alvo de forma acessível. Ao mesmo tempo, as mídias tradicionais também cresceram nos mais diversos formatos proporcionados pela *internet*. Dentro das redes sociais ou em *sites* os conteúdos começaram a ser produzidos, criados e compartilhados em vídeo, texto ou áudio, por vezes utilizando-se de todos eles numa mesma matéria. É neste cenário de expansão que os *podcasts* se popularizam reinventando o jornalismo em áudio.

### 3.2 PODCAST

Durante anos o jornalismo radiofônico ficou restrito aos aparelhos de som e ao imediatismo. Com o advento do audiovisual e, posteriormente, das mídias online, cogitou-se uma possível obsolescência para o rádio. Entretanto, o que se vê nos últimos anos é a adaptação do jornalismo sonoro para as novas formas de se fazer comunicação, integrando-se ao universo das mídias online e, dessa forma, agindo como um dos precursores no processo de segmentação do público, como descreve Eduardo Meditsch (2007):

A segmentação de audiência retira do jornalismo o ideal, até então implícito, de um auditório universal para suas mensagens. Dessa maneira, a mediação do público está presente não apenas na etapa posterior à emissão, mas também numa etapa anterior, como a intencionalidade que orienta. O rádio tem exercido um papel de vanguarda em relação à segmentação do público, no âmbito do jornalismo eletrônico. Esse processo, no entanto, já não se limita ao rádio, nem sequer ao jornalismo ou à mídia. É uma

tendência de sofisticação do consumo pela diversificação da produção industrial, proporcionada pela evolução da tecnologia (MEDITSCH, 2007, p.94).

É nesse cenário de segmentação que surgem e se popularizaram os podcasts, programas sonoros de conteúdos diversos disponibilizados via *podcasting* na *internet*. Os *podcasts* são conteúdos de áudio gravados e disponibilizados por meio de um *feed RSS* e posteriormente incorporados a tocadores para que sejam consumidos pelo público.

Segundo Luiz e Assis (2010), a palavra *podcasting* surgiu de “*pod*” de *Ipod* (tocador de mídia digital da *Apple Inc.*) e “*casting*” de “*broadcasting*” que significa uma transmissão pública de conteúdos. Em suma, *podcasting* é uma “forma de transmitir um arquivo de áudio ou vídeo via *internet* para ser ouvido em um *iPod* ou outro aparelho que reproduza ou receba esse arquivo”, enquanto *podcast* é por si só, o arquivo de áudio ou vídeo transmitido via *podcasting* (LUIZ E ASSIS, 2010, p.2).

Ainda de acordo com os autores, o *feed RSS*, meio por onde os podcasts são vinculados, trata-se de um agregador de conteúdos que disponibiliza e atualiza diversos conteúdos, nesse caso o podcast, para que seja incorporado e acessado através de outro site, como os tocadores de áudio.

Segundo uma pesquisa realizada pela *Associação Brasileira de Podcast* em 2019, o público que mais consome o produto no Brasil são os jovens de 25 a 29 anos, mas os índices de ouvintes também são altos entre as pessoas que têm entre 20 e 24 e 30 e 34 anos. Ainda, segundo a pesquisa, mais de 64% dos participantes acompanham *podcasts* há mais de 5 anos. Mesmo que o início da era dos *podcasts* no Brasil tenha ocorrido em 2004, de forma singela, o produto só passou a se popularizar nos últimos anos da década de 2010, como consta em Salemme (2018).

Embora o jornalismo sonoro seja um dos mais antigos, existem diferenças entre a radiodifusão e o *podcasting* que vão desde a sua forma de distribuição até a maneira como se tem acesso ao produto final. Na radiodifusão, o ouvinte fica preso ao *dial* ou, atualmente, também as *radiowebs*. Ao sintonizar em um canal de rádio escuta quase que sincronicamente o conteúdo produzido normalmente ao vivo e por um ou mais locutores. O *podcasting* quebra com essa lógica a partir do momento que “o tempo de produção e publicação não coincide com o da escuta” (PRIMO, 2005, p.5).

Isso se dá diferente do rádio, pois a produção do *podcast* consiste primeiramente na gravação de *offs* e sonoras, edição e adição de trilhas e efeitos para que depois de finalizado seja publicado na *internet*. Assim, o momento da produção e da escuta, diferente do que ocorre na radiodifusão, não são o mesmo (PRIMO, 2005). Além disso, enquanto no rádio a

programação é transmitida instantaneamente e segue uma grade, igualmente ocorre com a televisão, o *podcast* é dividido por episódios que não precisam ter padrão de duração nem frequência padrão de disponibilização. Através dos tocadores de áudio, os ouvintes podem seguir os *podcasts* e acompanhar o lançamento de cada novo episódio.

O *podcasting*, segundo Primo (2005), não depende de proximidade física do ouvinte com o transmissor. Se na radiodifusão as emissoras têm o campo de atuação restrito a um espaço e os ouvintes precisam estar dentro desta área de cobertura, no *podcast* a dinâmica é outra. Através da *internet*, os programas ficam disponíveis para serem acessados de qualquer área do mundo. Tanto ouvintes como emissores podem estar separados por milhares de quilômetros sem que isso influencie na comunicação.

Essa liberdade traz vantagens tanto para os emissores, que possuem liberdade para criar conteúdos sem as restrições impostas pelas empresas jornalísticas, como também aos receptores que não ficam restritos ao que é posto pelas mesmas empresas. É neste ponto que está a lógica de contraposição exercida pelo *podcasting* onde “a ideia é exatamente burlar esse tipo de prática incluindo na programação dos *podcasts* conteúdo sonoro alternativo, que pode ser desde uma banda ou artista sem gravadora até um conteúdo técnico não musical com discussões sobre algum tema específico” (MEDEIROS, 2005, p.3).

O que se produz neste cenário são conteúdos livres de censura e segmentados nos mais variados conteúdos e especialidades. Os *podcasts* podem ser musicais, de entretenimento, informativos, jornalísticos ou não, por exemplo. As relações entre emissores e consumidores também são alteradas. Diferente dos programas radiofônicos apresentados por jornalistas e locutores, na *internet* qualquer pessoa com acesso e conhecimento básico pode produzir e publicar seu próprio *podcast* de forma gratuita e com possibilidade de acesso em todo o mundo.

No Brasil, os *podcasts* estão em crescimento ao longo dos últimos anos, o que resultou na criação de uma comunidade entre os produtores dos programas, a qual Luiz e Assis (2010) denominam de *podosfera*. Nela, há um sentimento de colaboração mútua sem concorrência onde os *podcasters* trocam experiências e divulgações. Assim, é comum que ocorra uma troca onde “há uma preocupação entre os *podcasters* brasileiros de fazer essa mídia crescer como um todo, beneficiando todos os produtores de conteúdo” (LUIZ E ASSIS, 2010, p.10).

O ambiente do *podcasting* ainda está em processo de expansão, essas mídias existem em grande número e mesmo que pequenas individualmente, se interconectam aumentando sua força. Diferente da radiodifusão massiva, “em vez de uma distribuição simultânea para milhares ou milhões de pessoas sintonizadas ao mesmo tempo, os *podcasts* atingem públicos pequenos, mas que são interconectados entre si” (MEDEIROS, 2005, p.10). Logo, mesmo que um único

programa não atinja o mesmo número de público que uma rádio tradicional presente no *dial*, a rede de *podcasts* especializados em determinado assunto, quando somada, possui uma distribuição e um poder de abrangência capaz de provocar efeito social.

É nesse sentido, que mídias de jornalismo alternativo especializado passam a existir, também, em formato de *podcasts* onde o público interessado pelo assunto pode escolher os programas e os episódios que quiser consumir. O *Pulso Latino* é um dos vários *podcasts* presentes nos tocadores de áudio que tem como proposta o jornalismo internacional em América Latina. Mesmo que sozinhos cheguem a um público reduzido, essas mídias juntas criam uma importante rede de informação e construção da latinidade para o público brasileiro.

#### 4. A AMÉRICA LATINA EM PAUTA: ASPECTOS ANALÍTICOS

*De nuestros miedos nacen nuestros corajes y en nuestras dudas viven nuestras certezas. Los sueños anuncian otra realidad posible y los delirios otra razón. En los extravíos nos esperan hallazgos, porque es preciso perderse para volver a encontrarse.*

(Eduardo Galeano)

Para a realização da pesquisa, optou-se por utilizar como metodologia a análise de conteúdo do *podcast Pulso Latino*. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é uma leitura profunda que permite a compreensão de determinado conteúdo por meio da utilização de técnicas específicas procurando desenvolver um sentido por trás do discurso. Conforme relatam Ana Akemi Ikeda e Sandra Rodrigues da Silva Chang (2005, p.6), “esse tipo de método possibilita a análise de dados obtidos por perguntas abertas para ser estruturada para fins de diagnóstico”. Logo, a análise de conteúdo possibilita muito mais do que uma descrição do objeto, mas sim uma leitura aprofundada de seu conteúdo e de sua mensagem.

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo pode ser dividida em três etapas, sendo elas a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Na etapa do processo metodológico existem três passos a serem seguidos: “a escolha dos documentos a serem submetidos a análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95).

Após serem definidas todas essas etapas iniciais da pesquisa a partir da escolha do objeto a ser analisado, neste caso o *Pulso Latino*, o pesquisador parte para a exploração do material onde, de acordo com Bardin (1977, p.101), “se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas”. É nesta fase que o pesquisador irá fazer a leitura aprofundada do objeto de pesquisa, onde vai operacionalizar os indicadores, hipóteses e materiais obtidos.

Por último, há o tratamento em que os resultados brutos são “tratados de maneira a serem significados” (BARDIN, 1977, p. 101). Nesta última etapa, os dados obtidos são trabalhados e interpretados, estabelecendo-se os resultados da pesquisa.

Partindo para a descrição do objeto escolhido para análise, destaca-se que o *Pulso Latino* é formado por uma equipe de 12 brasileiros que vivem na Argentina, no México e em diferentes partes do Brasil. A ideia do projeto nasceu ainda em 2018, em meio ao conturbado cenário

brasileiro das eleições presidenciais como uma contraproposta à mídia hegemônica e ao discurso tradicional.

O *Pulso Latino* lança episódios quinzenais com assuntos aprofundados sobre os territórios da América Latina. Além dos episódios da série normal, também existem as séries de episódios *Caminhos Latinos*, *Pulso Literário*, *Informe Quijano* e *Minipulso*. Até a definição da análise, o *podcast* contava com 51 episódios publicados, sendo o primeiro de 18 de junho de 2019 e o mais recente, até então, de 7 de outubro de 2021.

Para a seleção dos episódios a serem analisados, partiu-se primeiramente de um recorte temporal. Foi estipulado para análise os episódios publicados a partir de 2020, que estão em um contexto mais próximo a realidade vivida atualmente no cenário da América Latina. Posteriormente, foi definido como próxima etapa de recorte para a análise os episódios que abordam no título ou na descrição países latino-americanos. O objetivo com essa seleção foi analisar o maior número de episódios que tratem de diferentes países dentro do recorte. Devido ao *podcast* do *Pulso Latino* ser um projeto em execução, nem todos os países da América Latina foram abrangidos pelo *podcast*.

Desde o começo de 2020 até o início da análise, foram publicados 34 episódios do *Pulso Latino*. Buscou-se por selecionar episódios apenas da série principal do projeto, excluindo as demais séries realizadas dentro do *Pulso Latino*. Com a análise dos títulos e descrições dos episódios, foram selecionados os que abordassem um ou mais países, sem que fossem repetidos. Seguindo tais critérios de seleção, chegou-se, para a análise, nos episódios 27 - *Militares e política no Brasil e na América Latina*<sup>2</sup>, 31 - *México e imperialismo no séc. XXI*<sup>3</sup>, 37 - *Você conhece Felipe Quispe?*<sup>4</sup>, 39 - *Panamá: luta por soberania e formação nacional*<sup>5</sup>, 48 - *Cuba: a última fronteira socialista*<sup>6</sup> e 49 - *Fronteiras da dependência: Uruguai e Paraguai*<sup>7</sup>.

No episódio 27 são abordados o Brasil, o Chile e a Argentina, enquanto no episódio 31 o México e no 37 a Bolívia. Já no episódio 39, o programa é acerca do Panamá, e no 48 sobre Cuba. Por último, no episódio 49 o assunto é o Paraguai e o Uruguai. Com esse recorte, a análise de conteúdo do *podcast* do *Pulso Latino* compreende nove dos 42 territórios latino-americanos. Foi usado como parâmetro os territórios considerados latino-americanos pela *Lanic* (*Latin American Network Information Center*), organização filiada ao *LLILAS* (*Teresa Lozano Long*

<sup>2</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/57wGLOYCTBMy1xJ9MpT43j?si=46b700f10d08498a>

<sup>3</sup> <https://open.spotify.com/episode/3Qn3T9JOEM2bIX8sZ0Popt?si=fe6beca41f7d4ebe>

<sup>4</sup> <https://open.spotify.com/episode/5wryx27WyYTq4kD3BBIfZM?si=723c6ed4e9e94594>

<sup>5</sup> <https://open.spotify.com/episode/7ingoNR4e2fv2HSPB0sei?si=a7bcd89d88dc40a7>

<sup>6</sup> <https://open.spotify.com/episode/3OnyBpxOLxG6OpjKOCWvgQ?si=c91d5b25577546db>

<sup>7</sup> <https://open.spotify.com/episode/7nDJ2rfxLGLIEwj5nuMwpJ?si=ca0740a0450b4830>

*Institute of Latin American Studies*) na *Universidade do Texas no campus de Austin*. Alguns destes territórios são departamentos ultramarinhos controlados por matrizes colonizadoras. Os territórios considerados latinos na América do Sul pelo *Lanic* são Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. Na América Central os territórios são Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá. Já na América do Norte é compreendido o México. Por último, no Caribe são 21 países tidos como latino-americanos: Antígua e Barbuda, Aruba, Bahamas, Barbados, Cuba, Domínica, Granada, Guadalupe, Haiti, Ilhas Caimão, Ilhas Turcas e Caicos, Ilhas Virgens, Jamaica, Martinica, Porto Rico, República Dominicana, Saint Barthélemy, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas e Trinidad e Tobago.

Destes países, os nove abordados dentro dos episódios selecionados para a realização deste trabalho estão destacados no mapa a seguir.

### Ilustração I - Mapa dos países temas dos episódios



Fonte: Autor

A partir destes dados, a questão central que se coloca neste trabalho é: Como o *Pulso Latino*, sendo uma mídia independente, aborda a identidade da América Latina? Para responder tal questionamento, esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação feita sobre a América Latina pelo *podcast Pulso Latino* como uma mídia especializada.

Já os objetivos específicos para responder ao objetivo proposto são: Inventariar marcas de representação de América Latina pelo *podcast*; Identificar a abordagem valorativa dos episódios; Detectar as práticas de jornalismo independente.

A análise do *Pulso Latino* partiu da seleção e escuta dos episódios do *podcast* e posteriormente da categorização das informações para que seja realizada a análise do conteúdo. O levantamento buscou registrar o recorte geográfico dos episódios, os temas, a abordagem valorativa do programa, juntamente com a tipificação da análise dos mesmos, os territórios correlacionados nos episódios e as fontes utilizadas.

Após essa decodificação e categorização é possível identificar como o *Pulso Latino* aborda a identidade latino-americana. Pelo uso dos mesmos dados levantados, são apontadas quais são as principais especialidades da cobertura do *Pulso Latino* e se nesta cobertura denotam-se práticas de jornalismo independente. Logo, essa pesquisa trata-se de uma análise quanti-qualitativa do conteúdo produzido pelo objeto analisado.

#### 4.1 PULSO LATINO: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E REPRESENTAÇÃO

Foram analisados seis episódios produzidos pelo *Pulso Latino* entre os anos de 2020 e 2021. Para iniciar, realizamos uma análise geral que compreende o recorte geográfico, os temas, a abordagem dos episódios e os países citados em cada um deles.

Os países abrangidos pelo recorte geográfico dos episódios desta análise são Brasil, Chile, Argentina, México, Bolívia, Panamá, Cuba, Uruguai e Paraguai. Além disso, dentro dos episódios, são realizados comentários e contextualizações com outros países latino-americanos e do globo em geral. Os territórios da América Latina citados ou debatidos dentro dos episódios mas que não eram tema do programa foram Argentina, Bolívia, Brasil, Cuba, Colômbia, Chile, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, México e Peru. Além destes, houve referência a territórios de outras regiões como Alemanha, China, Estados Unidos, Espanha, França, Irã, Inglaterra, Rússia/União Soviética e Vaticano. EUA é o país com maior incidência dentro dos episódios, estando presente em todos eles. Entretanto, todos os programas citam os Estados Unidos com abordagens críticas e/ou negativas quanto à relação do país com o território latino-americano.

Os temas presentes nos episódios que compõem esta análise estão atrelados a questões sociais, históricas, políticas e econômicas. Há a presença de uma abordagem anticolonialista e de uma análise sociológica dos acontecimentos históricos e recentes dos países que são abordados pelo *podcast*. No episódio 27, a temática é acerca dos militares e da política no Brasil



e na América Latina. O de número 31 faz uma análise sobre o imperialismo e a relação do México com os Estados Unidos. A Bolívia é o tema do episódio 37 que aborda questões relacionadas à militância indígena, colonização e construção identitária do país. No programa 39, a luta por soberania e a formação social do Panamá são os temas discutidos. Cuba é o país tema do *podcast* de número 41, neste são debatidas questões como história social e política, revolução, embargo econômico e protestos. Já o episódio 49, último desta análise, trata das relações da tríplice fronteira entre Uruguai, Paraguai e Brasil. As temáticas abordadas em cada episódio analisado do *Pulso Latino* e os demais dados obtidos neste trabalho estão categorizados de forma a organizar a visualização conforme tabela a seguir.

**Tabela I - Categorização geral**

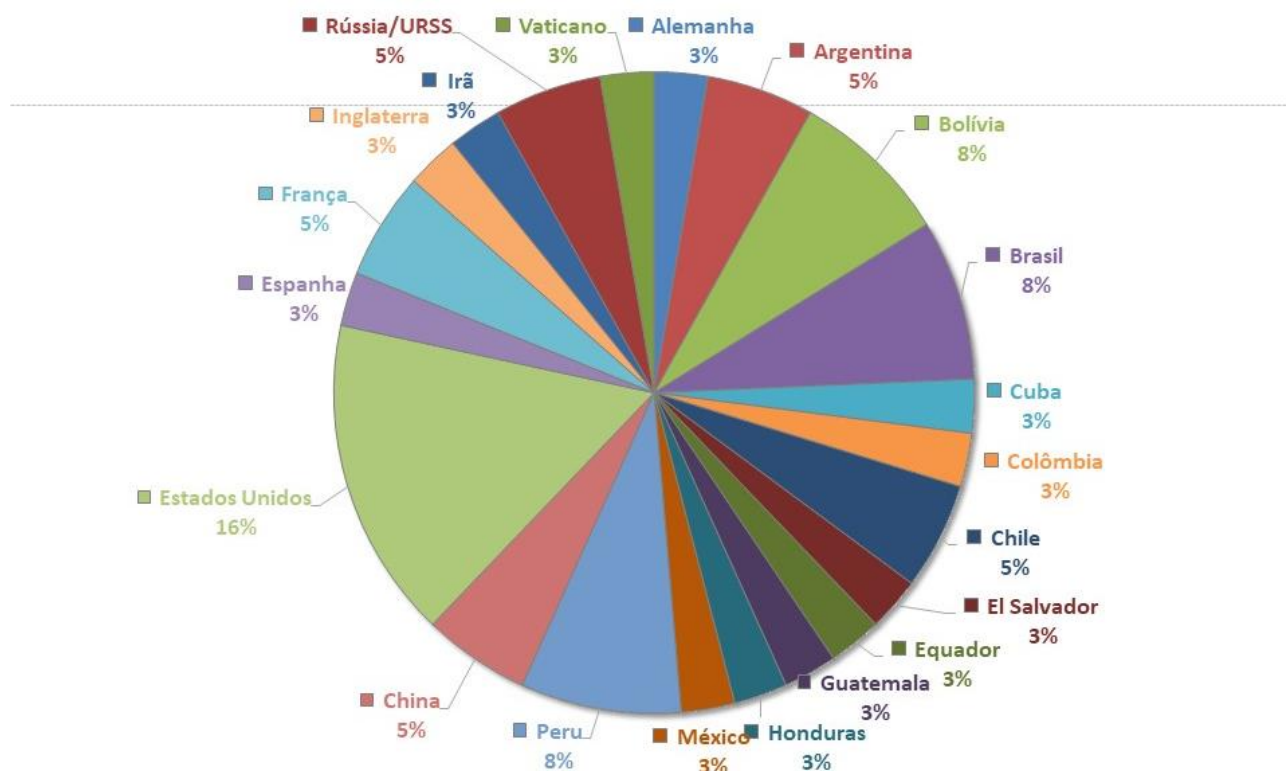
<b>Episódio</b>	<b>Recorte geográfico</b>	<b>Tema</b>	<b>Abordagem valorativa</b>	<b>Tipificação da análise</b>	<b>Territórios correlacionados no EP</b>
27	Brasil Chile Argentina	Militares e política no Brasil e na <i>América Latina</i>	Negativa	Analítico Opinativo	Espanha Brasil Inglaterra França Alemanha Estados Unidos Argentina
31	México	Imperialismo e relação com os EUA	Positiva	Analítico opinativo	Estados Unidos China Rússia Irã Chile Panamá
37	Bolívia	Felipe Quispe militância indígena	Positiva	Analítico conjuntural	Bolívia Peru Guatemala El Salvador México Cuba Estados Unidos Equador

39	Panamá	Luta, soberania e formação social	Positiva	Analítico conjuntural	Colômbia Estados Unidos França Peru Bolívia Honduras Vaticano Brasil
48	Cuba	História social e política, revolução, embargo e protestos de 2021	Positiva	Analítico opinativo	Estados Unidos União Soviética China
49	Uruguai Paraguai	Relações entre os países da tríplice fronteira.	Positiva	Analítico conjuntural	Argentina Bolívia Peru Brasil

Fonte: O Autor

Conforme categorizado na Tabela I, todos os seis programas possuem uma forma de abordagem positiva em relação aos países latino-americanos temas. No episódio 27, a abordagem valorativa pode ser considerada crítica negativa devido ao tema *Militares e a política brasileira no Brasil e na América Latina*. Além disso, nos episódios 27, que trata sobre militares e política, 31, que discute as relações entre México e EUA, e 48, que aborda Cuba, foi constatado um tipo de abordagem analítica opinativa por parte dos apresentadores e fontes. Já, os programas 37, 39 e 49 que discutem Bolívia, Panamá e Uruguai e Paraguai, respectivamente, tiveram uma abordagem onde sobressai-se uma análise conjuntural dos fatos.

Gráfico I - Porcentagem dos países citados nos episódios



Fonte: O Autor

Ao todo, foram encontrados na análise 20 territórios com o nome citado dentro dos episódios do *Pulso Latino*. Destes, 12 são latino-americanos, o que representa 60% dos territórios correlacionados aos episódios. Em relação a incidência nos seis programas, Estados Unidos, que aparece em todos, ocupa a maior fatia do gráfico, com 16%. Após, estão Bolívia, Brasil e Peru com 8% e menção em 3 episódios cada. Argentina, França e Rússia/União Soviética aparecem em 8% cada, o que equivale a 2 episódios. Por último, com 3% de incidência estão Chile, Cuba, Colômbia, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, México, Espanha, Inglaterra, Irã, Vaticano e Alemanha que são citados em apenas um episódio cada. Destaca-se que as porcentagens são em relação aos territórios correlacionados, quando incluídos no cálculo os países temas de cada episódio, o Brasil e a Bolívia passam a estar presentes em 4 programas, a Argentina em 3, Chile, Cuba e México em 2 e, por último, Uruguai, Paraguai e Panamá, que não foram encontrados em outros episódios, passam a ter uma aparição cada.

A seguir partimos para a análise por episódio do *Pulso Latino*. O primeiro analisado dentro do recorte desta pesquisa foi publicado em 26 de maio de 2020, possui 1 hora e 7 minutos

de duração e é intitulado *Militares e a política brasileira no Brasil e na América Latina*. Este é o programa de número 27 do *Pulso Latino*. Nele, a apresentação fica por parte de Danilo Martuscelli que estreia como apresentador. Os convidados são os professores-pesquisadores da *Universidade Estadual Paulista (UNESP)* e membros do *Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES)* Suzeley Khalil Mathias e Héctor Luis Saint-Pierre. Foi perceptível na escuta do episódio que, assim como o apresentador, ambos os convidados possuem visões críticas negativas aos militares, aos governos militares e à relação dos Estados Unidos com os países que compõem a América Latina.

Apesar de ambos possuírem uma abordagem negativa ao militarismo latino-americano, a entrevistada Suzeley Khalil realiza um tipo de análise mais opinativa aos fatos, com diversas críticas explícitas aos governos militares e principalmente ao governo brasileiro de Jair Bolsonaro, chegando a chama-lo de bobo da corte. Por outro lado, Héctor Saint-Pierre ao mesmo tempo que se mostra contra o militarismo, possui uma análise conjuntural das situações, buscando uma revisão histórica e uma observação dos últimos acontecimentos de forma menos opinativa.

Neste episódio são tratados temas como ideologia, ditaduras, repressão, forças armadas, extrema direita, regimes de esquerda e governos brasileiros como o de Dilma Roussef e Jair Bolsonaro. Dentre os assuntos debatidos foram elencados como marcas de representação da América Latina as críticas as ditaduras, militarismo, a resistência por parte de diversos grupos sociais e as críticas aos governos militares e autoritários.

O segundo episódio desta análise, o de número 31, é intitulado *México e o imperialismo no sec. XXI*. Este *podcast* foi publicado em 01 de julho de 2020, possui 2 horas e 15 minutos de duração e tem a apresentação de Eduardo Perondi e abertura de Marina Almeida. Além disso, conta com uma abordagem positiva em relação ao México, país tema. São três entrevistados no programa. Iván López Ovalle, latinoamericanista e professor, Mateo Crossa, doutor em estudos latino-americanos e Rubén Matías García, historiador e doutorando em estudos latino-americanos. Este episódio faz críticas à política imperialista dos Estados Unidos e ao capitalismo, além de desenvolver uma análise das políticas de livre comércio do *Nafta* e do *T-mec*.

Os três entrevistados são críticos aos EUA e a exploração do trabalho mexicano em benefício do comércio e da economia estadunidense. Apesar deste posicionamento crítico quanto a relação Estados Unidos X México, foi constatado que os entrevistados Iván López Ovalle e Rúben Matías García possuem uma análise conjuntural dos fatos. Enquanto isso, Mateo Crossa se mostra mais crítico e opinativo quanto a análise das questões debatidas no

episódio. Foram inventariadas como marcas de representação da latinoamericanidade, neste episódio, a valorização da história mexicana, as críticas ao imperialismo e ao autoritarismo político e a abordagem de questões relacionadas ao trabalhismo mexicano e aos direitos dos trabalhadores.

O programa de número 37 foi o terceiro a ser analisado neste trabalho. *Você conhece Felipe Quispe?* foi publicado em 04 de março de 2021 e tem uma duração de 42 minutos. Conta com a apresentação de Bruno Miranda e Marina Almeida e com a participação do entrevistado Abraham Mancilla, intelectual aymara. Este episódio tem uma análise profunda sobre o militante indígena boliviano Felipe Quispe e é uma homenagem do *Pulso Latino* à Quispe que, segundo o *podcast*, foi um latino-americano leal às suas convicções e as necessidades de descolonização do continente.

Este programa possui uma introdução com abordagem opinativa por parte dos apresentadores. Entretanto, o entrevistado, apesar de mostrar identificação com o tema, produz uma análise conjuntural da vida de Quispe, da história de luta dos povos originários e da história política e social da Bolívia. No episódio, Mancilla discorre sobre a vida de Quispe desde o início de sua militância, passando pelo comunismo, indianismo, luta armada, lutas sindicais, vida política e, também, pela oposição a Evo Morales nos últimos anos. Foram selecionadas como marcas de representação da América Latina a abordagem de temas como indianismo, povos originários, lideranças latino-americanas, movimentos sindicais, produção intelectual e luta por igualdade.

Posteriormente, foi analisado o episódio de número 39, intitulado *Panamá: luta por soberania e formação nacional*, com data de publicação em 08 de abril de 2021 e duração de 45 minutos. Este episódio tem introdução de Fernanda Paixão e apresentação de Tiago Noronha, especialista em jornalismo internacional e estudioso do Panamá. Além disso, o programa conta com a participação do intelectual panamenho Octavio Tapia Lu, professor da *Universidad do Panamá*.

Na primeira parte do *podcast*, o apresentador Tiago Noronha faz uma revisão histórica da formação do Panamá relacionando com a invasão estadunidense, acordos políticos e construção do canal do Panamá. Segundo Noronha, o Panamá foi um balão de ensaio das políticas estadunidenses para a América Latina. Mesmo que tenha um ponto de vista crítico ao imperialismo norte-americano em relação ao país, a análise feita por Noronha está mais para conjuntural das situações que permeiam a vida panamenha. De mesmo modo podemos tipificar a análise feita pelo entrevistado Octavio Tapia Lu que mesmo crítico aos Estados Unidos tem uma análise conjuntural dos fatos que historicamente o país enfrenta.

Como marcas da representação da América Latina neste *podcast*, elencamos a abordagem positiva da história do país, as críticas ao imperialismo e as ditaduras, a valorização do povo panamenho, os movimentos sociais e as lutas da população.

Cuba é tema do episódio 48, nomeado *Cuba: última fronteira socialista* e publicado em 20 de agosto de 2021 com duração de 51 minutos. Neste programa, a introdução e a entrevista ficam por parte de Eliane Amorin e a entrevistada é a professora da *Faculdade Cásper Líbero*, autora do livro *História Agrária da Revolução Cubana: dilemas do socialismo na periferia* e co-autora de *Cuba no século XXI: dilemas da Revolução*, Joana Salém Vasconcelos.

O programa busca, a partir das manifestações que ocorreram em Cuba, durante os primeiros meses de 2021, fazer uma análise do governo socialista cubano e do legado da revolução de 1959. A crise em decorrência do coronavírus e agravada pelo bloqueio econômico são os pontos que norteiam a análise realizada pela entrevistada Joana Vasconcelos. A revisão feita pela entrevistada é cheia de críticas às políticas adotadas pelos EUA em boicote ao modelo político do país caribenho. A análise da entrevistada pode ser considerada como opinativa devido ao modo como os fatos são expostos e comentados pela mesma.

São inúmeras as marcas de representação da América Latina neste episódio e aqui elencadas como a valorização do povo e da política cubana, as críticas ao imperialismo, a contextualização histórica positiva do país e a análise aprofundada da história política e social cubana.

Por último, dentro do recorte desta pesquisa, foi analisado o episódio de número 49, intitulado *Fronteiras da dependência: Uruguai e Paraguai*. Este programa foi publicado em 03 de setembro de 2021 e tem uma duração de 54 minutos. A introdução e a condução das entrevistas ficam por parte de Rafael Lima. Os participantes do *podcast* são alguns dos autores que participaram do projeto *Realidade latino-americana: Uruguai e Paraguai*, vinculado à *Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)*. Os autores que concedem entrevista são Fabiana Dessotti, Carlos Iramina, Mayara Rachid e Rodrigo Chagas. Os entrevistados falam sobre o livro coletivo *Fronteiras da Dependência: Uruguai e Paraguai*, lançado em agosto de 2021 pela *Editora Elefante* e resultado das diversas conversas com intelectuais, representantes de movimentos sociais, sindicais, organizações camponesas dos dois países.

Neste programa as entrevistas não são separadas em blocos e os entrevistados respondem aos temas em uma espécie de conversa com o apresentador. Apesar de todos possuírem uma visão crítica a questões como a função de neoimperialista exercida pelo Brasil em relação ao Paraguai, aos governos autoritários e ao modelo econômico neoliberal, a análise mais observada como opinativa fica por parte de Rodrigo Chagas. Enquanto isso, os demais

três entrevistados Fabiana Dessotti, Carlos Iramina e Mayara Rachid, possuem uma análise tipificada como conjuntural.

Os itens que podem ser considerados como marcas de representação da América Latina que estão presentes neste episódio foram elencados como sendo a valorização da cultura dos países, as críticas aos estereótipos dados aos países, a abordagem de movimentos sociais, sindicais e organizações e a seleção de fontes não oficiais para a construção do livro que dá origem ao episódio. Como forma de facilitar a visualização dos dados discorridos anteriormente, a seguir os mesmos encontram-se categorizados na tabela.

**Tabela II – Tipificação da análise por fontes e marcas de representação**

<b>Ep</b>	<b>Lançamento</b>	<b>Abordagem</b>	<b>Fontes</b>	<b>Tipificação da análise das fontes</b>	<b>Marcas de representação</b>
27	26/05/20	Negativa	Suzeley Khalil Mathias	Analítico opinativo	Crítica as ditaduras; Militarismo; Resistência; Críticas aos governos.
			Héctor Luis Saint-Pierre	Analítico conjuntural	
31	01/07/20	Positiva	Iván López Ovalle	Analítico conjuntural	Valorização da história mexicana; Críticas ao imperialismo; Autoritarismo político; Trabalhismo mexicano; Direitos dos trabalhadores;
			Mateo Crossa	Analítico opinativo	
			Rubén Matías García	Analítico conjuntural	
37	04/03/21	Positiva	Abraham Mancilla	Analítico conjuntural	Indigenismo; Povos originários; Lideranças latino-americanas; Movimentos sindicais; Produção intelectual; Luta por igualdade.
39	08/04/21	Positiva	Tiago Noronha	Analítico conjuntural	Abordagem positiva da história do país; Crítica ao imperialismo;
			Octavio Tapia Lu	Analítico conjuntural	

					Valorização do povo panamenho; Críticas as ditaduras; Movimentos sociais; Lutas da população.
48	20/08/21	Positiva	Joana Salém Vasconcelos	Analítico opinativo	Valorização do povo cubano; Crítica ao imperialismo; Valorização da política cubana; Contextualização histórica positiva do país; Análise aprofundada da história política e social cubana.
49	03/07/21	Positiva	Fabiana Dessotti	Analítico conjuntural	Valorização da cultura dos países; Críticas aos estereótipos dados aos países; Abordagem de movimentos sociais, sindicais e organizações; A seleção de fontes não oficiais.
			Carlos Iramina	Analítico conjuntural	
			Mayara Rachid	Analítico conjuntural	
			Rodrigo Chagas	Analítico opinativo	

Fonte: O Autor

Nos seis programas que compõem esta análise, alguns aspectos se destacam. A crítica ao modelo imperialista exercido pelos Estados Unidos sobre os países latino-americanos está presente em maior ou menor intensidade em todos os episódios. Além disso, há, tanto por parte dos apresentadores como dos entrevistados, uma busca pela valorização da cultura e dos povos dos países da região e dos movimentos sociais. Os episódios procuram realizar análises e contextualizações mais aprofundadas sobre os temas propostos. O pensamento não é apenas o replicado pela mídia, mas sim uma compreensão dos fatos que envolvem e explicam os acontecimentos.



Além desta contextualização positiva da história dos países, o *Pulso Latino* também busca valorizar a luta dos povos originários, que muitas vezes são marginalizados ou omitidos no debate público. Um bom exemplo desta abordagem ocorre no episódio de número 37, que tem como tema a vida e a luta do militante indígena Felipe Quispe. Neste programa, a luta indígena e das diversas culturas que compõem a sociedade boliviana não é atacada ou vista de forma negativa. Pelo contrário, a abordagem é positiva em todos os episódios em relação a cultura e a diversidade dos povos latino-americanos. Há, também, no *Pulso Latino* uma preocupação com a variedade de fontes. Aqui os entrevistados não são analistas exógenos aos acontecimentos e aos países, o que torna o conteúdo mais rico. Além disso, os entrevistados são especialistas nos assuntos que discorrem e em alguns casos são provenientes do próprio país tema, como é o caso do episódio 39, que tem participação do intelectual panamenho Octavio Tapia Lu.

## 5. CONCLUSÃO

*Esse silêncio todo me atordoa  
Atordoado eu permaneço atento  
Na arquibancada pra a qualquer momento  
Ver emergir o monstro da lagoa  
(Chico Buarque e Gilberto Gil)*

Durante a análise do *podcast* foi possível compreender a abordagem e representação da América Latina realizada pelo *Pulso Latino*. Se a mídia tradicional e massiva contribui para a visão negativa acerca dos países da região, além de ter um nível baixo de notícias sobre a mesma, o *Pulso Latino* atua na contracorrente. Com o conteúdo categorizado durante a análise dos seis episódios propostos pelo recorte da pesquisa, foi possível entender a representação dada pelo objeto desta pesquisa aos temas que permeiam a vida latino-americana. A abordagem sobre os territórios em todos os programas se mostra de maneira positiva. Isso fica evidente na valorização da cultura e da história das sociedades que são temas dos *podcasts*, e também os movimentos sociais que permeiam algumas das pautas. Por mais que sejam criticados certos setores das sociedades, como governos autoritários, elites e grupos dominantes, estas críticas não se expandem aos territórios. De maneira oposta, o que se propõe é o enaltecimento dos países e de suas diversidades sociais em detrimento dos grupos hegemônicos que atuam pela manutenção do poder.

Entende-se que o *Pulso Latino* exerce papel de jornalismo independente e alternativo ao mesmo tempo que especializado em América Latina. As pautas pouco usuais na mídia hegemônica, por si só, já caracterizam a especialidade manifesta pelo *podcast*. Vale ressaltar que outra característica desta prática independente é a especialidade do *podcast* na cobertura exclusiva da América Latina. Além disso, o tipo de abordagem não se compara ao realizado pela grande mídia. Os temas buscam dar voz a diferentes setores, fogem da informação oficial e de fontes governamentais. Aqui, a busca é pela voz do povo, das particularidades de cada país. Os entrevistados e entrevistadores procuram realizar a análise seguindo a realidade de cada local e o que se aplica a ele sem impor a realidade brasileira acima dos contextos locais, como faz a mídia tradicional.

Estas são práticas de jornalismo independente, assim como a utilização de fontes que tenham ligação com os temas. Entrevistados especializados nos locais debatidos e que são naturais dos próprios. A abordagem proposta, então, é de visões de mundo que possuem ligação com locais e acontecimentos e não exógenas a eles. As marcas da representação estão na valorização da América Latina, na crítica negativa ao imperialismo, às classes dominantes e aos

governos autoritários, o uso de fontes não oficiais e ligadas às temáticas, a desconstrução de estereótipos e de visões distorcidas das realidades dos territórios, a abordagem de temas pouco usuais como o trabalhismo latino-americano, os povos indígenas e originários e a diversidade de culturas e povos existentes na América Latina.

Ao longo desta pesquisa foi possível encontrar resultados para os objetivos inicialmente propostos. A atuação do *Pulso Latino* como mídia independente identificada e descrita neste capítulo, assim como a representação feita pelo *podcast* sobre a América Latina. Mostrou-se evidente durante a construção teórica desta pesquisa a carência de pesquisas sobre jornalismo especializado em América Latina, seja ele alternativo ou massivo. No jornalismo internacional, os textos encontrados, em maioria, discorrem sobre a abordagem a países norte-americanos, europeus e asiáticos. Da mesma forma que existe a carência de pesquisas no campo do jornalismo especializado em América Latina. Este trabalho é uma contribuição para esta área do jornalismo e abre porta para que novas pesquisas sejam realizadas.

O campo acadêmico voltado para a América Latina, mesmo que careça em determinadas áreas, apresenta uma grande riqueza em pesquisas e autores sobre análises culturais, políticas, sociais e de representação. O tema é particularmente de grande interesse a este autor como latino-americano e brasileiro. Esta pesquisa possibilitou conhecimento e identificação com as questões que envolvem o ser e o estar latino-americano e a latinoamericanidade. Fatores importantes para a formação pessoal e que incentivaram uma caminhada a ser realizada futuramente neste campo. Encerra-se esta monografia com a certeza de que mesmo que não unificada, as várias Américas Latinas que existem dentro da América Latina são a nossa maior riqueza. Nossa cultura é nossa força.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCAST. **Podpesquisa 2019**. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 10 out. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BARBERO, Jesús Martín. **O que a pesquisa latino-americana de comunicação deve ao Brasil**: relato pessoal de uma experiência intercultural. São Paulo: Revista Matrizes, v.15, p. 127-146, 2021.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BARBOSA, Alexandre. **A solidão da América Latina na grande imprensa brasileira**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Editora da USP, 2015.

DOWNING, John. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e nos movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac, 2004.

FERNANDES, Alessandra. **Jornalismo**: especializado e segmentação. Curitiba: InterSaberes, 2017.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HESTER, A. **Theoretical Considerations in Predicting Volume and Direction of International Information Flow**. *Gazette*, 19, p. 239-247, 1973.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro Universidade Tuiuti do Paraná, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf> Acesso em: 09 jun. 2021.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2007.

MEDEIROS, Marcelo dos Santos. **Podcasting**: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf> Acesso em: 10 out. 2021.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

NICOLATO, Roberto (org.). **Teorias do Jornalismo**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão: as interações no podcasting**. Porto Alegre: Intexto, 2005.

SALEMME, Maria. **A era do podcast: uma reflexão sobre o potencial do mercado de podcast no Brasil**. Faculdade Cásper Líbero, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2436-1.pdf> Acesso em: 10 out. 2021.

SANTOS, Marli; BUENO, Wilson da Costa (org.). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SANT'ANNA, Francisco. **América Latina - um tema fora de pauta: uma análise sobre o papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana**. México: Universidade de Guadalajara, 2001.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no 133 Brasil na era do ciberespaço**. São Paulo: Revista Galáxia, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

PRADO Maria Lígia Coelho; PELLEGRINO, Gabriela. **A história da América Latina**. UNIVESP TV, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **A América Latina existe?** Brasília: Editora da UNB, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina pátria grande**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

RESENDE, Geraldo Lino. **Mídia, ditadura e contra-hegemonia**. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2005.

TAVARES, Camilla; FERNANDES, Marina. **A América Latina na cobertura noticiosa: uma análise da editoria mundo dos portais Folha de S. Paulo e O Globo**. Rev. Latino-americana de Ciencias de la Comunicación,. São Paulo, 2021. Acesso em 21 nov. 2021. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1393>

VOCES DEL SUR. **182 dias de contraste**. Relatório. Disponível em: <https://view.genial.ly/5f1f9da5c2b34d0d9cf08281> Acesso em: 09 out. 2021.